

MIA COUTO

As pequenas doenças da eternidade

Contos

2ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Um gentil ladrão	9
A imortal quarentena	13
O caçador de elefantes invisíveis.	19
O vestido vermelho.	25
O observatório	31
As pequenas doenças da eternidade	37
A carta sem correio	43
A fumadora de estrelas.	49
O meu primeiro pai	55
Pássaros cegos.	61
De reis mortos e águas vivas.	67
Matar o mar.	73
O eterno retorno	79
O colchão	85
Submissa desobediência.	91
O vice-viajante.	97
A outra	103
O apeadeiro	109
Morrer de raça.	115
O parto póstumo	127

A gota	131
A parede	137
A libélula	143
A alma têxtil	149
Colóquio de pedras	155
A cicatriz	161
A próxima visita	165

Um gentil ladrão

Batem à porta. Bater é uma maneira de dizer. Moro longe de tudo, só a fome e a guerra me vêm visitar. E agora, na eternidade de mais uma tarde, alguém fuzila com os pés a porta da casa. Vou a correr. Correr é uma maneira de dizer. Arrasto os pés, os chinelos rangendo. Com a minha idade, é tudo o que posso. A gente começa a ficar velho quando olha o chão e vê um abismo.

Abro a porta. É um homem mascarado. Ao notar a minha presença, ele grita:

— *Três metros, fique a três metros!*

Se é um assaltante, está com medo. Esse temor inquieta-me. Ladrões medrosos são os mais perigosos. Retira da bolsa uma pistola. Aponta-a na minha direção. É estranha aquela arma: de plástico branco, emitindo um raio de luz verde. Aponta a pistola para o meu rosto e eu fecho os olhos, obediente. É quase uma carícia aquele raio de luz sobre o meu rosto. Morrer assim é um sinal de que Deus respondeu às minhas preces.

O mascarado tem uma voz doce, um olhar delicado. Não me deixo enganar: os mais cruéis soldados surgiram-

-me com modos de anjo. Há tanto tempo, porém, que ninguém me faz companhia, que acabo entrando no jogo.

Peço ao visitante que baixe a pistola e tome lugar na única cadeira que me resta. Só então reparo que traz uns sacos de plástico envolvendo os sapatos. É óbvia a intenção: não quer deixar pegadas. Peço-lhe para baixar a máscara, asseguro-lhe que pode ter toda a confiança em mim. O homem sorri com tristeza e murmura:

— *Nestes dias não se pode confiar em ninguém, as pessoas não sabem o que trazem dentro delas.* — Entendo a enigmática mensagem, o homem pensa que, sob a aparência desvalida do meu lar, se esconde um valioso tesouro.

Olha em redor e, como não encontra nada para roubar, o intruso acaba por se explicar. Diz que vem dos serviços de saúde. E eu sorrio. É um jovem ladrão, não sabe mentir. Diz que os seus chefes estão preocupados com uma doença grave que se espalha rapidamente. Faço de conta que acredito.

Há sessenta anos quase morri de varíola. Alguém me veio visitar? A minha esposa morreu de tuberculose, alguém nos veio ver? A malária roubou-me o meu único filho, fui eu que o enterrei sozinho. Os meus vizinhos morreram de sida, nunca ninguém quis saber. A minha falecida mulher dizia que a culpa era nossa porque escolhemos viver longe dos lugares onde há hospitais. Ela, coitada, não sabia que era o inverso: os hospitais é que se instalam longe dos pobres. É uma mania deles, dos hospitais. Não os culpo. Sou parecido com eles, os hospitais, sou eu que alBERGO e trato as minhas enfermidades.

O mentiroso assaltante não desiste. Apura os métodos, sempre de modo tosco. Quer justificar-se: a pistola que me apontou era para medir a febre. Diz que estou bem, anuncia com um sorriso tonto. E eu finjo respirar de alívio. Quer saber se tenho tosse. Sorrio, condescendente. A tosse foi coisa que quase me levou à cova, depois de ter vindo das minas há vinte anos. Desde então, as minhas costelas quase não se movem, o meu peito é feito apenas de poeira e pedra. No dia em que voltar a tossir será para pedir licença nas portas de São Pedro.

— *Não me parece estar doente* — declara o impostor.
— *Contudo, o senhor pode ser um portador assintomático.*

— *Portador?* — pergunto. — *Portador de quê? Por amor de Deus, pode revistar-me a casa, sou um homem sério, quase nunca saio.*

O visitante sorri e pergunta se sei ler. Encolho os ombros enquanto ele coloca sobre a mesa um documento com instruções de higiene e uma caixa com barras de sabão, um frasco com aquilo a que ele chama de “uma solução alcoólica”. Coitado, deve imaginar que, como todos os velhos solitários, ando metido na bebida. À despedida, o intruso anuncia:

— *Daqui a uma semana passo por aqui a visitá-lo.*

Então me vem à cabeça o nome da doença de que fala o visitante. Conheço bem essa doença. Chama-se indiferença. Era preciso um hospital do tamanho do mundo para tratar essa epidemia.

Contrariando as suas instruções, avanço sobre ele e